

Parte 1

1

É a primeira vez que durmo no quarto da minha mãe. Pelo menos que me recorde. Está frio. O meu braço é a única parte do corpo fora das mantas e a minha pele está húmida, os dedos gelados. Viro-me para o lado, aconchegando-me, aproveitando o calor que emana da Robin. Ouço-a a ressonar baixinho, ao meu lado. Há cerca de dois anos que não pedia para dormir comigo, mas a temperatura da casa venceu-a. Na noite em que chegámos, entrou no quarto que lhe preparei e saiu logo de seguida.

«Está um gelo!», exclamou. «E também não gosto daquela pintura esquisita na parede.»

«Eu tiro-a de lá», respondi. Porém, não contestei quando a Robin quis dormir comigo. Não a quero longe da minha vista.

O edredão é demasiado fino. Ontem à noite, reforcei-o com os nossos casacos, para ficarmos mais quentes, mas escorregaram para o chão enquanto dormíamos. Estendo o braço e puxo-os novamente para cima da cama, tentando não acordar a Robin, prolongando o descanso dela pelo menos durante mais alguns minutos. Quando nos levantarmos, estará frio.

A lareira a gás ainda existe. Lembro-me de que, por vezes, no inverno, nos dias mais frios, a minha mãe deixava-me vestir junto

à lareira, alertando-me para que não me aproximasse demasiado. Nessa época, não podia tocar-lhe. Tenho medo de lhe tocar agora. É castanha e brilhante, com as arestas aguçadas a emergirem sob a tinta. Os bicos de cerâmica estão negros da fuligem. Nem sei se ainda funciona. A estrutura onde se encontra embutida, outrora branca, está amarelecida, com marcas de chamuscadelas por cima da lareira. Ontem à noite, desviei o olhar dos bibelôs de porcelana sobre a cornija, mas, na luz ténue da manhã, vejo que ainda são os mesmos: pastoras sorridentes e um *pierrrot* com um esgar apatetado, todos muito apertados na prateleira estreita.

Ao meu lado, a Robin mexe-se, suspira e continua a dormir. Não quero acordá-la. O dia de hoje já vai ser suficientemente complicado. A minha ansiedade está ao rubro. O quarto húmido e frio incomoda-me; sou perseguida por pensamentos sobre a casa quente de onde fugi, ciente do contraste entre o quarto de hóspedes daqui, rejeitado pela Robin, e o quarto dela que nos vimos forçadas a abandonar: a cama de dossel com cortinas cor-de-rosa, os tapetes de pele de carneiro. Na casa da minha mãe, não há tapetes de pele de carneiro — somente o crânio de um carneiro ainda em exposição nas escadas, com os cornos resplandecentes.

Porém, é um lugar seguro. E longínquo. A Robin vira-se na cama, aproximando-se mais de mim, o seu braço quente ao lado do meu, a mãozinha a segurar firmemente o pequeno suricata de lã que a minha melhor amiga, a Zora, tricou para ela. A minha respiração torna-se mais calma. Depois do que aconteceu, iria sempre sentir frio nesta casa, mesmo que estivesse calor. Estremeço ao recordar, o choque ainda tão presente. Inspiro fundo; expiro. Estamos aqui, agora.

Estendo o braço e pego no meu telemóvel, pousado na mesa de cabeceira — nada; não tenho mensagens. A bateria está quase no fim. Não há, obviamente, tomadas ao lado da cama. Mas pelo menos temos luz. Só espero que não morramos eletrocutadas antes de eu conseguir verificar a instalação elétrica. Volto a deitar-me, fazendo uma lista mental de tudo o que preciso de fazer

para assegurar a segurança da casa, avassalada pela quantidade de tarefas que tenho pela frente. Pelo menos não terei tempo para pensar em mais nada.

— Que horas são? — murmura a Robin, virando-se para se espreguiçar.

— Quase sete — respondo. Faço uma pausa. — É melhor levantarmo-nos.

Deixamo-nos ficar mais alguns instantes, ambas relutantes em encarar o frio. Preparo-me, afasto as mantas para trás num só gesto e ponho-me de pé de um salto.

— És mesmo má! — exclama a Robin, sentando-se rapidamente. — Tenho mesmo de tomar duche? A casa de banho está um gelo.

— Não é preciso. Vou tentar tratar disso para logo.

Ela corre para o quarto, e ouço-a de um lado para o outro, a arranjar-se. Visto umas calças de ganga e uma camisola, ao acaso, sem me preocupar com a minha indumentária. Está demasiado frio para vaidades.

— Não quero ir — diz a Robin, com uma torrada na mão, que torna a pousar no prato, intacta, suspirando.

Sinto um aperto no coração.

— Eu sei.

— Vou detestar — resmungo ela, virando costas e prendendo o cabelo num puxo enrolado no cimo da cabeça.

— Pode ser que não seja assim tão mau.

— Vai ser, sim — replica ela, olhando-me fixamente.

Não há como contra-argumentar.

Está prestes a entrar numa escola nova, rumo ao 6.º ano, envergando uma farda a estrear — novinha em folha, acabada de tirar da embalagem —, anos após toda a gente já ter formado os seus grupos e fações. A farda nem sequer lhe assenta devidamente, com a gola demasiado larga e a saia demasiado comprida. O seu

rosto parece ainda mais pálido contra o vermelho-vivo da camisola de malha da farda nova e o branco intenso da camisa, tudo comprado à pressa ontem, na loja de fardas na Finchley Road, que eu recordava da minha própria infância. Sinto um aperto na garganta, mas forço-me a sorrir.

— Vai correr tudo bem — asseguro-lhe, apesar do desespero perceptível na minha voz. — Irás fazer novos e bons amigos. — Pego numa torrada, contemplo-a e pouso-a. Também não tenho fome.

— Talvez — responde a Robin, com a voz carregada de dúvida. Acaba de arranjar o cabelo e tira o telemóvel do bolso, absorta de imediato pelo ecrã.

Estremeço, mas tento controlar-me. Será uma mensagem do Andrew a desejar à filha boa sorte para a escola nova? Não sei se a Robin e o pai já se falaram desde que nos viemos embora... desde que fomos obrigadas a partir. A Robin continua a fitar o ecrã, o olhar a deslizar para cima e para baixo.

— Alguma coisa interessante? — acabo por lhe perguntar, sem me conseguir conter, tentando manter um tom de voz neutro. — O teu pai mandou-te uma mensagem? — Num gesto descontraído, pego no meu telemóvel e enfio-o na mala.

A Robin ergue o olhar, o rosto calmo e pálido, os olhos tão escuros como o cabelo. Abana a cabeça.

— Não é do pai — responde. — Ainda não falaste com ele?

Sorriso, exibindo uma expressão neutra. Preciso de mudar de assunto. Ela tem de acreditar que isto é tudo normal. Não precisa de saber que o último contacto entre mim e o pai dela foi uma troca de palavras duras ao telefone, antes de ele ter desligado. «Vai-te embora», disse-me. «Não te quero mais aqui. Nem a ti, nem a ela.» Um desdém na voz como eu nunca lhe ouvira.

Estou calada há demasiado tempo. A Robin fita-me, com uma expressão de interrogação a formar-se-lhe no rosto.

— Alguma coscuvilhice? Estás a conversar com alguém? — indago, com algum esforço. Ao longo dos últimos dois meses,

tem havido uma discussão complicada entre os amigos da Robin e alguns dos seus antigos colegas de turma, e tenho achado as atualizações sobre o assunto estranhamente cativantes.

— Ainda está tudo a dormir, mãe. É de noite lá.

— Pois. Claro. Desculpa. Nem pensei.

As minhas palavras ficam a pairar, até que a Robin cede.

— Mas eu recebi uma série de mensagens ontem à noite, enquanto estava a dormir. O Tyler sentou-se ao lado da Addison no autocarro, na sexta-feira, em vez de ao lado da Emma, e agora ninguém fala com a Addison.

— Oh, céus...

— Podes crer. É mesmo uma parvoíce. — Ela olha para o telemóvel uma última vez e depois larga-o.

— Talvez as coisas sejam mais fáceis numa escola só de raparigas — comento, forçando um tom convicto. Sem grande resultado.

A Robin encolhe os ombros.

— Em breve irei descobrir.

O último ano do ensino básico. Recordações, guardadas nas profundezas do meu ser. Toda a gente a fazer 11 anos — uns com ar de adolescentes, outros ainda com um ar infantil. Pelo menos a Robin encontra-se algures no meio desse espectro — nem muito alta, nem muito baixa, sem nada de extremo no seu desenvolvimento. Já irá ser suficientemente difícil, de qualquer forma. Reprimindo um arrepio, recordo as rejeições, o rancor. Posso ter de passar ainda por muita coisa, mas nunca mais terei de enfrentar a adaptação a uma escola nova.

— Não sei como é que eles conseguem safar-se sem ti como mediadora.

— Não me parece que consigam — replica a Robin, com uma expressão séria. — Estão a discutir muito mais sem mim. Não vou conseguir ver todas as mensagens a tempo.

— Estou certa de que tudo se resolverá. E irás vê-los em breve. Talvez nas férias do Natal.

A Robin não comenta. São demasiadas mudanças para interiorizar. Foi muita coisa, e muito rápido; os nossos mundos virados do avesso numa questão de dias. Sinto o ar pesado.

— Sei que isto é complicado — digo. — Mas nós vamos conseguir. Foi uma sorte esta vaga ter surgido. A tua escola antiga era ótima, mas sempre quisemos que viesses estudar para aqui, para Londres. Vais adorar. — Calo-me. Recordo o último dia em Brooklyn, a enfiar apressadamente roupa em sacos, um sorriso estampado no rosto ao mentir descaradamente à Robin sobre o motivo por que tínhamos de partir. De imediato. Não havia tempo para despedidas.

— E foste feliz aqui? Tens a certeza de que vou gostar? — O rosto dela está franzido, com um ar desconfiado.

— Sim — respondo. Mais uma mentira. Contudo, desta vez é uma mentira pequena.

— Mas disseste-me que a tua infância não foi grande coisa — replica a Robin.

É perspicaz, a minha filha. Demasiado.

Recomponho-me rapidamente.

— Isso foi mais por causa das coisas em casa — explico. — Com a tua avó. Ela não gostava muito de crianças, nem mesmo da própria filha. A escola era o meu escape. Quer dizer, é claro que houve questões complicadas, mas fiz alguns amigos. E adorava a biblioteca. No 6.º ano, nomearam-me delegada de turma e afixaram o meu nome num painel. Foi muito fixe. Era bem mais agradável do que isto. — Faço sinal em redor, para a cozinha velha e fria.

A Robin sorri.

— Pelo menos há de ser quente — comenta, tentando fazer uma piada.

Estendo os braços por cima da mesa para a abraçar, e, após alguns instantes, ela retribui o abraço.

— Vamos lá embora. Não queres chegar atrasada no teu primeiro dia.

A Robin assente com a cabeça e atravessa a cozinha para ir buscar a mochila e calçar as luvas. Enfio um gorro de lã na cabeça, que me esconde, em grande parte, o cabelo oleoso, e saímos de casa.

Dirigimo-nos para a paragem do autocarro, os nossos passos em uníssonos no passeio. Olho de relance para a minha filha. O seu rosto exhibe uma expressão decidida, com o queixo firme; quase crescida, e, contudo, ainda tão pequena.

Não sei o que nos espera. Quero estar tranquila, mas não consigo livrar-me do temor que me aperta o estômago, pesado como os nossos passos no chão.

2

S ento-me à janela, no autocarro, encostando a testa ao vidro. O autocarro 46 está cheio, e muito lento, avançando vagarosamente de paragem em paragem, entre Camden e St John's Wood. Recordo o percurso tão bem que era capaz de o calcorrear de olhos fechados. Está tudo diferente, e ao mesmo tempo na mesma, camadas de edifícios novos, pinceladas de tinta fresca nos edifícios antigos.

Olho de relance para o perfil da Robin — continua entretida com o telemóvel. Solta uma risada meio resfolegada e ergue a cabeça.

— A Emma pôs-me a par de tudo. Que confusão! Ainda bem que não estou lá para aturar aquilo — comenta, enfiando o telemóvel na mochila.

Quase acredito nela.

Sinto um aperto no estômago assim que vislumbro a familiar paragem do autocarro. De repente, apercebo-me do ruído do trânsito à minha volta — o chiar de travões, buzinas a apitarem, um homem a gritar «Vai à merda!», ao longe. O fumo dos escapes emana da rua, entrando-me pela garganta, e um fluxo regular de SUV pretos aglomera-se, passando por nós. Seremos as únicas a chegar de autocarro à escola.

O autocarro trava inesperadamente e a minha cabeça embate no vidro. Fecho os olhos para afastar as recordações.

«Jamais conseguiremos vaga», observei eu quando soube o que a minha mãe fizera, dois anos antes. «É demasiado tarde. Demasiado competitivo. É impossível haver vagas agora. Nem no início do 4.º ano, nem daqui a dois anos. Deve haver uma lista de espera do tamanho do meu braço. Ela pensa que pode controlar tudo, mas não pode. Mesmo que aceitássemos, não seria possível.»

E assim foi; senti uma enorme satisfação quando a responsável pelas matrículas rejeitou sumariamente a minha relutante inquirição.

Porém, isso foi antes de tudo correr mal — o meu casamento com o Andrew a terminar ao fim de dois breves anos mais complicados. Por isso, foi com surpresa que, há cerca de duas semanas, recebi um telefonema da mesma responsável pelas matrículas a informar-me de que havia uma vaga na escola, caso a Robin pudesse começar de imediato. Estive quase a recusar, mas algo me deteve. «Tenho de pensar no assunto se não se importa», foram as palavras que me saíram.

Nada me poderia ter preparado para o desespero com que lhe liguei 48 horas mais tarde, com o coração na boca, para lhe perguntar — suplicar, aliás — se a vaga ainda estaria disponível. «Por favor.» Para ela, tratava-se de uma oferta simples, uma forma de preencher uma vaga inesperada na turma. Para mim, era um milagre: tudo o que eu precisava para a nossa fuga — uma fuga que, até àquele momento, nunca julguei vir a ser necessária. A condição imposta pela herança controladora da minha mãe foi cumprida quando inscrevi a Robin na Ashams. Sem isso, não teria sido autorizada a vir para esta casa, nem a receber o pequeno rendimento proveniente do património da minha mãe — o suficiente para me aguentar, agora que eu abandonara o meu casamento.

Quando deixei a casa da minha mãe, há mais de uma década, jurei que nunca mais regressaria. Que nunca mais permitiria que a minha mãe me controlasse.

Todavia, pelo bem da Robin, estava disposta a quebrar qualquer promessa.

Agora, encontramos-nos junto do portão da escola, e tenho os punhos cerrados dentro dos bolsos. Mesmo vista através dos olhos de uma adulta, a escola continua a parecer enorme, imponente — uma arquitetura digna da mais prestigiada escola feminina no norte de Londres. Tento não imaginar quão intimidante deverá parecer aos olhos da minha filha.

Há dois portões de ferro e um canteiro convencional entre ambos com uma sebe e cíclames. Um caminho de acesso a partir de cada portão desenha uma curva em direção a um amplo lance de escadas, que conduz à porta de entrada. Não obstante a grandiosidade do edifício, não fica muito afastado do passeio — uma carruagem teria de ter feito a manobra com cuidado, ao transpor o portão, ao invés de passar majestosamente. Este lugar é o oposto da antiga escola da Robin, um edifício moderno numa rua suburbana. Esta escola carrega o peso da história, uma seriedade que parece negar a presença de crianças do outro lado das suas enormes portas.

Baixo o olhar para a Robin. O rosto dela está nitidamente tenso, a cor escapou-se-lhe das faces.

— Vai correr bem — tranquilizo-a. Quero prometer-lho. Mas não posso.

A Robin olha em redor, sem pestanejar. Agarra-me o braço.

— Isto é uma escola de ensino básico?

— Sim. Mas é muito mais agradável do que parece, garanto-te. — Contenho-me para não fazer figas.

— Caramba...

— É melhor entrarmos — digo-lhe, e ela assente com a cabeça.

Percorremos lentamente o caminho de acesso e subimos os degraus de pedra. A entrada é larga, de madeira, com adornos de cobre exageradamente polidos. Levo a mão à porta, mas esta abre-se nesse instante. Uma mulher sai apressadamente e choca comigo. Dou um salto para trás, atarantada, e tento recuperar o equilíbrio, agarrando-me ao braço da Robin e quase a fazendo cair também. Torço o tornozelo, e uma dor lancinante sobe-me pela perna.

— Veja por onde anda! — O desdém da mulher é perceptível na sua voz. — Eu podia ter caído pelas escadas abaixo. — Passa por nós e afasta-se a passos largos, o cabelo impecavelmente arranjado a balouçar-lhe nos ombros a cada passada. Alta, loura. Agressiva.

— Estás bem? — pergunta-me a Robin.

Outra mulher dá um estalido desaprovador com a língua e esgueira-se por entre nós. Sinto um aperto na garganta, como se fosse chorar. Ou mandar toda a gente à merda. Limpo a humidade dos olhos com dedos ágeis.

— Sim, estou.

Já em segurança, no interior do edifício, depois de ter apresentado a Robin à funcionária que regista as presenças das alunas e de ter preenchido os formulários dos contactos de emergência, posiciono-me ao lado da minha filha, expectante.

— Já podes ir, mãe — diz-me ela.

A funcionária solta uma risada.

— Ela fica bem connosco, Sra. Spence.

— Esse é o apelido do meu marido — digo. Não consigo dizer «ex-marido» na presença da Robin. — O meu apelido é Roper. Sadie Roper.

— Com certeza, Sra. Roper — responde a funcionária.

Ambas continuam a olhar para mim, à espera de que me vá embora.

A Robin acena com a cabeça.

— Vá lá, mãe.

Olho para a funcionária.

— Não precisa de mais nada da minha parte? Para uma visita guiada, ou para ir conhecer a diretora de turma da Robin, ou algo do género?

Ela nega com a cabeça.

— Hoje não. Irá conhecer a diretora de turma da Robin oportunamente. Enviar-lhe-emos toda a informação sobre as reuniões de pais. — Vira-se para a Robin. — Eu acompanho-te à tua sala.

Leva rapidamente a minha filha dali, sem me dar tempo sequer de me despedir.

3

A presso-me a regressar à paragem do autocarro, do outro lado da rua, a dor no tornozelo a aligeirar enquanto caminho. Tenho de adiantar as coisas na casa da minha mãe e depois ir até aos escritórios para ver se há algum trabalho disponível. Os longos anos em que estive afastada do direito criminal escancaram-se à minha frente, mas recuso-me a deixar-me desencorajar. Nas últimas semanas, aguentei pior. Muito pior.

Não deveria ser assim. A raiva fervilha-me nas veias: pelo Andrew, por ser um sacana tão grande; pela rejeição, a raiva que me fez atravessar o Atlântico, direito às garras da minha mãe e àquela desgraça de casa. Imagens de um apartamento a estrear invadem-me a mente. Paredes brancas e pisos de madeira, em oposição à confusão sombria de uma casa vitoriana negligenciada, com as janelas obscurecidas pelas heras demasiado grandes. Uma herança tóxica.

O autocarro chega à paragem. De nada servem estes pensamentos agora. Vou lavar, esfregar, limpar; desinfetar tudo com lixívia. Pego no telemóvel, pronta para enviar uma mensagem à Zora a convidá-la para jantar. O meu dedo paira sobre o ecrã por instantes, antes de escrever a mensagem.

«Surpresa! É uma longa história, mas eu e a Robin voltámos e estamos a morar em casa da minha mãe. Jantamos amanhã? Temos muita conversa para pôr em dia. Beijos.»

Planear o futuro, sem olhar para trás.

Assim que chego a casa, dirijo-me à caldeira, que, na noite anterior, me sentia demasiado cansada para examinar, descobrindo, para minha surpresa, que é relativamente nova. Ao fim de poucos minutos, ponho-a a funcionar. Calor, água quente — coisas que expulsarão os demónios.

Animada, ponho mãos à obra, limpando e esfregando cada superfície à vista, sem parar um único segundo, não permitindo que pensamentos sobre o passado me assaltem a mente, desconsiderando qualquer perceção de pisos que rangem ou de azulejos rachados, da marca na parede no sítio onde a minha mãe me atirou um livro, do prego no chão onde rasguei inúmeros collants porque me esquecia sempre de que ali estava. À medida que a poeira levanta, o mesmo acontece à obscuridade da casa, e a luminosidade fria que espreita através do vidro sujo da janela da cozinha dá-me um pouco mais de alento.

Após duas horas de atividade frenética, a cozinha está em condições de ser utilizada. O fogão ainda é o mesmo, o que recorro de há tantos anos. Experimento-o para ver se funciona, lembrando-me quase instintivamente do tempo que devo manter o botão virado para baixo até o gás se atear.

A velha chaleira elétrica também ainda aqui está, com o fio desfiado, revelando a parte metálica. Lembro-me de ter dito à minha mãe para a deitar fora da última vez que cá estive, há 15 anos. Pego nela e examino-a por instantes, observando as marcas de calcário gravadas na superfície. Então, sinto um aperto no peito e um sabor ácido vem-me à boca. A frase «Queres lá tu saber se eu morro eletrocutada ou não» ecoa na minha mente. Enfio a chaleira num saco do lixo preto, com um sorriso a elevar-me os

cantos da boca. Vasculho os armários e encontro um pequeno púcaro, que encho com água e ponho ao lume.

Embora a casa se situe numa rua agitada, não se ouve o ruído do trânsito na cozinha, pois fica na parte de trás. O silêncio deixa-me inquieta. Espreito pela janela da porta das traseiras para o pátio de cimento lá fora. Está ensombrado por árvores perenes — um teixo, frio e escuro no canto, todas as plantas de que a minha mãe costumava cuidar, castanhas e secas, montes de folhas mortas aglomeradas nos cantos. Hei de alegrar o espaço, com gerânios e bolbos em vasos grandes pintados de azul. Recordo a ocasião em que trouxe um molho de tulipas para casa, no Dia da Mãe, e lho ofereci. «Que espalhafatoso!», exclamou ela, afastando-as de si, as pétalas esmagadas no lava-louça. «Como se não bastasse ser mãe», acrescentou. «Não preciso de lembretes.» Recordo quão diminuída me senti nesse momento, quão ridícula, os meus pés demasiado grandes quando cambaleei para trás e saí disparada da cozinha.

É altura de plantar narcisos amarelos, campânulas-brancas. Crocos. Tulipas-papagaio — quanto mais coloridas, melhor. Irei pedir ajuda à Robin. Afastando-me da porta, volto a olhar em redor da cozinha. Pode estar mais limpa, mas continua fria, vazia.

A água já ferve. Faço um chá, tornando a sentar-me, desfrutando do calor da caneca entre as mãos. É quase meio-dia. Já estará na hora de almoço da Robin? Talvez a comida da escola seja melhor agora. Espero que sim. Recordo o que costumavam servir-nos: lasanha a nadar em gordura, puré de batata frio, ovos cozidos cinzento-esverdeados no centro de uma empada de fiambre e vitela muito rija. Inspiro fundo e expiro. Agora não. Não vou por aí. O que existe por baixo de tudo isso é pior — bem pior —, e não tenho tempo para essas coisas. Os meus pensamentos voltam a focar-se na Robin.

«Vai correr tudo bem», disse-lhe eu. «É muito acolhedora.» Frases tranquilizadoras que me saíram naturalmente. Porém, na verdade, nunca foi acolhedora, de todo. Era formal, austera;

emanava solidez. Sem dó nem piedade. Era assim há 30 anos. Talvez tenha mudado. Vem-me à mente a força com que os dedos da Robin me agarraram o braço, de tal maneira que nem sei como não deixaram marca. Espero que não seja tão mau como a Robin receava.

Embora eu receie que seja muito pior.

O meu chá arrefece rapidamente e bebo-o em vários tragos, afastando a caneca de mim assim que termino. Tenho de mudar de roupa para ir aos escritórios perguntar aos assistentes se há algum trabalho disponível para mim. Realisticamente, sei que será complicado, mas não posso pôr-me com hesitações.

Antes de sair, quero organizar um pouco mais o quarto da Robin. É o quarto que a minha mãe utilizava para as visitas — as poucas que recebeu. Retiro pilhas de jornais velhos e revistas rasgadas, implacável na minha limpeza. Surge uma cómoda, um roupeiro, sobretudos e casacos antigos, uma pele de raposa comida pelas traças, a cauda presa na boca com uma mola de cabelo. Enfio tudo em sacos do lixo.

Recebo uma mensagem da Zora. «Jantar amanhã, sim, por favor. Quero saber TUDO o que se passa, porra! Nem acredito que voltaste. Estou ansiosa para te ver. Beijos.»

Sinto-me mais animada — um pequeno raio de luz no meio de tanta escuridão. Vai ser bom revê-la. Contudo, vai obrigar-me a uma longa explicação. Respondo à mensagem com o *emoji* do polegar para cima, incapaz de me exprimir por palavras.

4

Arranjar-me para ir aos escritórios é uma espécie de recuo no tempo. Visto a roupa interior, collants pretos, uma camisa branca e um fato de saia e casaco preto, sentindo-me grata pelo sentimentalismo que me fez guardar este fato ao longo dos anos, quando não tinha qualquer utilidade para ele. Um fato preto velho que costumava usar para ir a tribunal há mais de dez anos.

A saia assenta-me bem; o casaco também — como se esses anos nunca tivessem passado. Contemplo a minha silhueta, refletida num espelho poeirento afixado atrás da porta. Devem ter passado quase 20 anos desde o meu primeiro dia nos escritórios — antes do Andrew, antes da Robin, antes de a minha carreira me ter levado a uma vida que eu jamais teria antecipado.

Não obstante a natureza forçada deste recomeço, sinto uma onda de entusiasmo. Pelo menos irei finalmente poder dar uso às minhas habilitações como advogada. Vou regressar ao trabalho.

Desço apressadamente a Kentish Town Road, em direção ao metropolitano de Camden, com os nervos à flor da pele, encontrando-me, mais cedo do que gostaria, em Embankment,

e, depois, em Temple. Subo a Temple Place e corto pela Milford Lane. A tinta brilhante dos varandins de ferro preto cintila ao sol. Paro, por instantes, olhando da esquerda para a direita. Lembro-me bem deste beco. Numa ocasião, curti com o Andrew aqui, logo no início da nossa relação, inebriada com vinho barato e a fogsosidade do amor inicial.

Foi uma noite feliz, uma recordação agradável. Pensamentos sobre uma época anterior a essa invadem-me a mente: uma noite sombria, alguns meses antes; o velho advogado que achava que as alunas jovens estavam à sua disposição para as apalpar. Tive de me debater, dar-lhe um pontapé, e depois outro, ainda com mais força, para me conseguir libertar. Detenho-me diante do sítio onde aconteceu, à esquerda da escadaria, limpando as mãos à saia. Decorreram quase duas décadas, mas o episódio continua bem presente na minha mente. Afasto esses pensamentos e continuo a andar. Subo as escadas e transponho a arcada ao fundo da Essex Street, entrando pelas ordenadas fileiras paralelas de tijolo vermelho dos escritórios de advogados.

Quando alcanço os meus antigos escritórios, a meio da Essex Street, paro por instantes e respiro fundo. Antes, tive a sensação de que o tempo tinha voltado atrás. Está a acontecer novamente. Sinto-me tão deselegante e desajeitada como no primeiro dia em que iniciei o meu estágio, toda eu cotovelos e joelhos, com as mãos em brasa. Inspiro profundamente, endireito os ombros e abro a porta.

— Menina Roper — diz o David Phelps.

Desta vez, os anos recuam e fixam-se no passado.

— David... — respondo, abafando o tom de súplica que se infiltra na minha voz.

— A que devemos esta honra?

Ele está parado atrás do balcão da receção, com um molho de papéis na mão. Devia ir a caminho da sua secretária, pois é pouco

provável que estivesse a atender os telefones. Como que em resposta a este meu pensamento, uma mulher jovem contorna-o e senta-se à secretária, ao lado da central telefónica.

— Tem marcação? — pergunta-me ela num tom de voz neutro, escrutinando-me, os seus olhos mirando-me da cabeça aos pés. De súbito, sinto vergonha do meu fato antigo.

— Não — respondo, erguendo o queixo.

— Nesse caso, em que posso ajudá-la?

— A menina Roper é um antigo elemento destes escritórios — explica o David, talvez com pena de mim. Ou talvez não.

Sorriso para ele, e o seu olhar sombrio e predatório trespassa-me, como um tubarão à espera do primeiro sinal de sangue.

— Queria falar consigo sobre voltar a exercer — digo-lhe. — Sei que teria sido preferível tê-lo contactado por escrito primeiro, mas aconteceu tudo mais depressa do que eu esperava.

— Certo — responde o David.

— Regressei a Londres. A minha filha está na escola. Não há nada que me impeça de recomeçar a trabalhar. — Um tom desafiador começa a infiltrar-se na minha voz. Sinto os nervos à flor da pele, mas não vou deixar que ele me mande embora.

— Hum... — diz o David. — E a pequena questão dos solicitadores de instrução, menina Roper? Não os vejo a fazer fila, ansiosos para lhe darem trabalho. — O facto de ele proferir a palavra «menina» com profundo rancor é quase reconfortante. Quase. Não totalmente. Pelo menos sei com o que contar. Sempre soube, aliás.

— Estava com esperança de que houvesse algum trabalho como advogada assistente, David, e que, a partir daí, eu pudesse ir construindo a minha atividade, com o tempo.

— Lamento muito, menina Roper, mas, como qualquer um dos nossos advogados assistentes lhe poderá dizer, o trabalho, neste momento, não é propriamente abundante. Muita coisa mudou nestes últimos anos, como decerto saberá. — Faz uma pausa para ajeitar o cabelo, um tique que recorde de outros tempos. — Por falar nisso... quantos anos já se passaram?

— Quase 11. — O meu queixo permanece erguido.

— Não pode propriamente regressar assim sem mais nem menos. Há a questão do seguro, da sua licença, da formação profissional contínua. Como já lhe disse, muita coisa mudou. Não irá ser possível.

— Mas eu já fiz tudo isso — replico. Ele julga que me passou a perna, mas está enganado. — Tenho seguro. A minha licença e as minhas horas de formação estão em dia. Fiz questão de me manter a par de todos os desenvolvimentos legais, online. Sabia que um dia voltaria.

— Menina... — começa por dizer o David, mas é interrompido.

— A minha reunião das 11 horas deve estar prestes a começar — diz uma mulher atrás de mim, num tom autoritário. Há algo de familiar na sua voz, a espreitar algures dos confins da minha memória.

— Com certeza, Dra. Carlisle. Quer que leve café à sala de reuniões? — O David parece uma pessoa completamente diferente. Respeitoso. Obsequioso até. Pois, não admira. Eu devia ter-me lembrado assim que ouvi aquela voz. A Barbara Carlisle é uma das procuradoras da Coroa mais antigas nos escritórios. Já era uma mulher poderosa quando eu era advogada residente ali, há muitos anos.

Mantenho a cabeça baixa.

— Claro — responde ela. — Para oito pessoas.

Não diz «por favor». Mantenho o olhar desviado, na esperança de que ela se retire rapidamente para eu poder continuar a minha conversa com o David, em privado. Porém, a ideia dele é outra.

— Menina Roper — diz, virando-se para mim. — Compreendo a sua posição, mas não é possível aparecer nos escritórios assim de repente, ao fim de uma década, e esperar que lhe deem trabalho. Temos os nossos procedimentos. Independentemente do seu emprego anterior connosco, os nossos protocolos mantêm-se. Se escrever uma carta no formato correto para

o Comité de Residência, eles avaliarão a sua posição no devido tempo. Penso que a próxima reunião será no final de março.

Dentro de vários meses, portanto. Assinto com a cabeça, muda, reprimindo a minha frustração. Dou meia-volta para me retirar e encaminho-me para a porta, mas sou abordada pela Barbara.

— Sadie — diz-me. — Lembro-me de si. Foi minha segunda advogada assistente naquele caso de homicídio, não foi?

— Fui, sim.

— E foi-se embora para os Estados Unidos, não foi? Teve um bebé?

— Sim. A Robin já tem quase 11 anos — respondo.

— E está a regressar ao trabalho?

— Quero regressar. Preciso de regressar. Mas pelos vistos não há nada disponível. — Lanço um olhar furioso ao David, que esboça um esgar de satisfação, com uma sobrancelha arqueada.

— Estou a ver... — diz a Barbara, mas eu não ouço o resto da frase.

O esgar do David foi a machadada final, e estou à beira das lágrimas, por humilhação ou raiva, não sei bem qual. Porém, raios me partam se irei permitir que me vejam ir abaixo. Abandono rapidamente a receção, sem olhar para trás.

5

Espero pela Robin junto do portão da escola, de cabeça baixa, focada no meu telemóvel, evitando cruzar o olhar com alguém. Sei que acabarei por ter de o fazer, mas, neste momento, não consigo lidar com nada disso. Sinto-me extremamente desiludida com a receção que tive nos escritórios e demasiado cansada de tanto subir e descer as escadas do metropolitano. Demoro um minuto a perceber que a Robin está parada ao meu lado. A expressão dela continua tensa, embora não tanto como de manhã.

— Como é que correu? — pergunto-lhe, inclinando-me para lhe beijar a face.

Ela recua.

— Podemos só ir embora? Por favor?

Caminhamos apressadamente na direção da paragem do autocarro. Só quando já estamos dentro do autocarro, cerca de dez minutos mais tarde, e depois de a Robin ter olhado em redor, uma e outra vez, como que para confirmar que não há ninguém com uma farda idêntica à sua perto de nós, é que se sente preparada para falar sobre o seu dia.

— Não foi mau — diz. — Não foi mau. O Departamento de Arte é muito bom.

— Ótimo. E as tuas colegas? — Ela expira profundamente pelo nariz, mas não responde. Abro a boca para repetir a pergunta, mas detenho-me. — A Zora vem visitar-nos amanhã. Vai querer saber tudo.

— Tudo o quê?

— A razão por que viemos para cá tão de repente, porque é que te mandei para a Ashams...

— Podias aproveitar e explicar-me a mim também — replica a Robin, com um olhar fulminante, voltando de seguida a sua atenção para a janela.

Já não é uma menina pequenina. Tem apenas 10 anos, mas já consigo vislumbrar a adolescente em que se tornará. Não há vestígios da criança que em tempos foi no seu perfil tenso, recortado na luz cinzenta da tarde.

Assim que entramos em casa, sobe para o seu quarto. Deixo-a em paz. Cerca de duas horas depois, desce e dá-me um abraço.

— A casa está um bocadinho mais quentinha — comenta. — E o meu quarto está com muito melhor aspeto. Obrigada. Já comecei a arrumar as minhas coisas.

É a recompensa por que eu ansiava; é mais do que esperava. Esforcei-me imenso com o quarto da Robin. O quarto onde estou a dormir — o antigo quarto da minha mãe — continua horrível, mas ainda não me atrevo a subir ao meu antigo quarto, no segundo piso, preferindo dormir no mesmo piso que a Robin. Estou empenhada em evitar esses fantasmas.

— Queres pizza para o jantar?

A satisfação da Robin perante a minha sugestão acaba com a conversa sobre a casa. O rosto dela torna-se menos tenso e ela passa o resto do serão a falar entusiasticamente sobre os antigos amigos e as suas tribulações. Afinal não é tão crescida quanto isso.

Na noite seguinte, a Zora entra de rompante porta adentro, dando-me um forte abraço e largando-me de seguida para abraçar

a Robin. Depois, vira-se para mim e torna a abraçar-me. Cheira exatamente ao que sempre cheirou — a tabaco e a um perfume com aroma a baunilha. A maioria das pessoas que conheço deixou de fumar, mas a Zora não, argumentando que o seu trabalho como advogada criminal lhe causa demasiado stress para conseguir deixar de fumar.

— Olhem-me bem para vocês! — exclama ela. — Nem acredito que vos tenho aqui.

— É... é interessante estar de volta — respondo.

— Imagino — comenta a Zora. — Sei que nunca quiseste voltar para cá. Devem estar com a sensação de que a vida se desmoronou à vossa volta. Estão bem? — Eu e a Robin assentimos com a cabeça. Depois, a Robin murmura algo e afasta-se, subindo rapidamente para o seu quarto. — E o Andrew? Como é que ele está a lidar com a situação?

— Vamos evitar falar sobre o Andrew — peço, dando meia-volta na direção da cozinha. — É muito complicado. Vem beber qualquer coisa.

A Zora segue-me e senta-se à mesa da cozinha. Olha em redor com uma expressão de aprovação no rosto.

— Está com muito melhor ar! — comenta.

— Obrigada por teres dado uma olhadela pela casa, Zora — digo-lhe, servindo vinho em dois copos e pousando um diante dela.

— Fi-lo com muito gosto — responde.

— E obrigada por não teres feito muitas perguntas. Demorei uma eternidade a processar tudo o que se passou. — Recordo o telefonema que lhe fiz, a minha voz tensa, ansiosa, tentando ao máximo manter a compostura após a descoberta chocante do conteúdo do testamento da minha mãe. Nada de venda rápida, como eu julgara; antes, uma agonia lenta enquanto decidíamos se deveríamos respeitar os termos dela em relação à herança ou vê-la ir parar às mãos de outra pessoa. Na altura, não contei nada à Zora, incapaz de exprimir por palavras quão controladora a minha mãe

havia sido. Já foi suficientemente complicado pedir-lhe para me ajudar a cuidar da casa.

— Então, mas conta-me lá... Por que motivo estão aqui? — pergunta-me. — E porque é que mandaste a coitada da Robin para aquela escola pavorosa que tanto odiávamos?

As palavras dela são duras, mas a expressão no seu rosto é meiga. O rosto da Zora é sempre meigo — sincero, afável, iluminado por um sorriso. Embora não esteja a sorrir neste instante; os seus olhos estão carregados de preocupação.

— Não vale a pena — digo, tornando a encher os copos.

— Claro que vale — replica a Zora, bebendo um grande trago. — Juraste por tudo que não farias isto.

Dou um gole no vinho. Há cerca de duas semanas que não bebo e está a ajudar-me, o calor a espalhar-se dentro de mim.

— Não tive outro remédio. Precisava de sair de casa, e a minha mãe tinha tudo tratado aqui.

— Como assim? A que propósito é que a tua mãe é para aqui chamada? Não pode propriamente controlar-te do além. — Solta uma gargalhada, que eu não retribuo. Pouco depois, para de rir. — Santo Deus, a sério?! Ela ainda continua em cima de ti? Mas como é que conseguiu tal proeza, porra?!

— É complicado...

— Não tenho pressa.

— Estou a dar o meu melhor — digo-lhe. — Estou a fazer os possíveis para tirar o melhor partido de uma situação de merda. Só quero que tenhas isso em mente, está bem?

— Está bem — responde a Zora. — Eu tenho isso em mente. Agora desembucha.

— Sabes que ela cortou todo o contacto comigo quando eu engravidei.

A Zora assente com a cabeça.

— Lembro-me bem.

— Tentei sempre apaziguar a situação. Pensava que ela mudaria de ideias quando a Robin nascesse, mas continuou zangada

comigo. Fartou-se de me dizer que eu tinha dado cabo da minha vida ao ter a Robin e que iria arrepender-me de ter destruído o meu futuro. Foi horrível. Custou-me imenso ouvir a maneira como ela falava da própria neta. Além de que também detestava o Andrew.

— Eu lembro-me — diz a Zora.

— Bem, quando ofereceram aquele trabalho ao Andrew em Nova Iorque... foi o fim. Fomo-nos embora e eu nunca mais falei com ela. Na última discussão que tivemos, disse-me que, se eu me fosse embora, se escolhesse a família em detrimento da carreira, seria como se tivesse morrido para ela. E que me tiraria do testamento.

— Caramba! — exclama a Zora. — Não me contaste isso. A própria filha...

— Ela nunca foi propriamente maternal. Estamos a falar da mulher que me obrigava a tratá-la por Lydia, não te esqueças. Nada de «mãe» ou de «mamã». Eu nem quis pensar muito no assunto, para ser sincera. Estava longe daqui... além de que nunca tinha contado com herança nenhuma. — Ponho-me de pé e faço sinal à minha volta. — Quer dizer, olha bem para isto. Lembras-te de como ela era... sovina como tudo. Julguei sempre que não havia dinheiro nenhum. — Faço uma pausa e bebo mais um gole de vinho.

— Mas?

— Bem, a verdade é que há dinheiro. Algum, pelo menos. E a casa.

— E ela deixou-te tudo?

— Não propriamente. É aí que as coisas se complicam. Deixou tudo à Robin... uns investimentos, um rendimento mensal, a casa.

— Isso é bom, não é?

— Não é tão simples quanto isso — respondo. — Só na condição de a Robin se matricular na Ashams. Durante o ensino básico e até ao fim do secundário. — Considero contar-lhe a história

toda, a maneira como tudo me foi imposto no final. Porém, não consigo lidar com isso. Ainda não. O medo ainda é demasiado; aquelas horas em que a Robin esteve desaparecida, quando eu não a conseguia localizar, nem ao Andrew. Ainda está tudo muito à flor da pele. Inspiro fundo e sustenho o ar. A minha filha está em segurança. Ambas estamos em segurança. Não vou pensar mais nisso. Continuo: — É de loucos. E tudo dependente da existência de uma vaga na Ashams, algo que ela sabia ser quase impossível. Essas vagas não aparecem sem mais nem menos; é preciso pôr o nome das meninas na lista de espera para a escola primária ainda antes de elas nascerem. A funcionária quase se riu na minha cara da primeira vez que liguei a perguntar se havia vagas.

— E a tua mãe não teria perfeita noção disso? — pergunta a Zora.

— Sim. Acho que foi a maneira que arranjou para nos deixar o dinheiro sem que ficássemos realmente com ele, pois não fazia qualquer tenção disso. Um ato elaborado de rancor póstumo.

— Acho-a bem capaz disso.

— Também eu — concordo. — Por isso é que quando surgiu esta vaga na Ashams... Foi por isso que tive de matricular lá a Robin. Caso contrário, não receberíamos nada.

Segue-se uma longa pausa. A Zora abana a cabeça. Não a censuro.

— Tudo isto é arcaico como a merda. Devias tentar dar a volta à herança.

Quase solto uma risada perante o horror visível no seu rosto.

— Também me ocorreu isso. O advogado dela, o que redigiu o testamento, é também o administrador da herança, e não é grande defensor da ideia dela. Desde que a Robin ande na Ashams, poderá usufruir da casa, com um pequeno rendimento para nos sustentar às duas, e, assim que terminar o secundário, ficará na posse total da casa e a herança ser-lhe-á entregue. Porém, se ela se for embora daqui, ou se não terminar o secundário, a casa será confiscada. Depois, será vendida, e não veremos

um tostão da herança. O advogado não está nada satisfeito com a situação. Ao que parece, aconselhou a Lydia a não levar isso avante. Ele explicou-me tudo o que eu teria de fazer para anular o testamento. Pelo menos agora não temos de nos preocupar.

Nesse instante, a Robin entra na cozinha.

— E agora estou presa numa escola horrível onde ninguém fala comigo — protesta, tendo claramente ouvido a conversa.

— E temos de morar nesta casa medonha.

— Por favor, Robin...

— Estou cheia de fome — diz ela, virando costas. — Há alguma coisa para comer?

Interrompo a minha explicação e preparo o jantar, cozendo um pouco de esparguete e aquecendo um molho que já tinha feito. No entanto, sinto o olhar da Zora em mim, a trespassar-me a nuca, e sei que as perguntas continuam lá.

NO RECREIO, REINA A LEI DO MAIS FORTE. MAS AO PORTÃO DA ESCOLA NÃO HÁ REGRA ALGUMA.

Quando Sadie Roper regressa a Londres com a filha, Robin, está determinada a reparar a vida de ambas e a retomar a sua carreira como advogada criminal.

Sadie ama a filha, e tudo fará para a proteger, mas não lhe pode dizer porque tiveram de sair da sua casa nos Estados Unidos tão depressa, nem porque é que o pai de Robin não veio com elas. Não lhe pode explicar por que motivo odeia estar de volta à casa da sua falecida mãe, com as paredes cobertas de heras e as suas memórias tóxicas. E não lhe pode contar a verdade sobre a escola que Robin está prestes a frequentar: uma escola que não acolhe bem os recém-chegados e onde a competitividade é feroz entre alunas... e sobretudo entre mães.

Sadie só quer que as suas vidas voltem ao normal, mas a resistência que inicialmente encontram na escola parece difícil de ultrapassar. As coisas acabam por mudar, e tanto Sadie como Robin começam a sentir-se integradas e a criar amizades. Mas essas amizades repentinas poderão impedir Sadie de ver a verdade e de encarar a ameaça que se aproxima.

«Um thriller psicológico envolvente e repleto de reviravoltas.»

Publishers Weekly

**DA MESMA
AUTORA:**



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-607-4



9 789895 646074

Thriller